

# Com queda da renda, bem-estar social não avança

Segundo Ipea, Índice de Desenvolvimento Humano recua em 6 estados, como São Paulo e Distrito Federal, em meio à crise financeira que ameaça políticas sociais regionais. Desigualdade fica menor nos indicadores de gênero e raça

CÁSSIA ALMEIDA  
E MARCELLO CORRÊA  
economia@oglobo.com.br  
RIO DE JANEIRO

**A** manutenção de políticas públicas ajudou a evitar a queda de indicadores de bem-estar no Brasil durante a recessão, mas a crise financeira nos estados e municípios pode comprometer a trajetória de avanço de indicadores sociais no país. A avaliação é de pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que apresentaram ontem os dados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que ficou estagnado entre 2016 e 2017. O resultado foi puxado pela queda da renda, mas poderia ter sido pior, não fossem as altas nas áreas de educação e saúde.

Entre 2016 e 2017, o IDHM brasileiro passou de 0,776 para 0,778. O índice teve como principal influência negativa a queda de 0,92% na renda per capita. Essa perda foi compensada nos ganhos de educação — como o aumento da frequência escolar de cri-

anças de 5 a 6 anos para 93,2% — e de longevidade — a esperança de vida ao nascer subiu de 75,72 anos para 75,99 anos.

— Temos recados da política pública brasileira. Os dados mostram uma resiliência de indicadores a despeito da crise econômica. Em particular, os indicadores de educação e de saúde são os que mais resistem. Isso tem a nos dizer (sobre os resultados) de uma trajetória que vem da Constituição de 1988, que certamente demandam continuidade — destacou Aristides Monteiro Neto, diretor de Estudos e Políticas Regionais Urbanas e Ambientais do Ipea.

O IDHM de seis estados caiu em 2017, inclusive o de estados ricos, como São Paulo e o Distrito Federal. Para Marco Aurélio Costa, do Ipea, a situação financeira dos estados preocupa porque cabe a eles fazer a maior parte dos investimentos em áreas sociais, como saúde e educação:

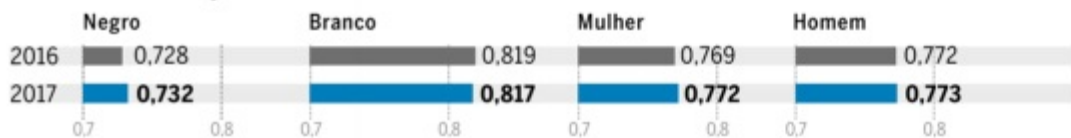
— São estados e municípios que têm um papel maior no

## A EVOLUÇÃO DO INDICADOR E SEUS COMPONENTES

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL (IDHM)\*



INDICADOR POR RAÇA E SEXO



OS NÚMEROS POR ESTADOS



Fonte: Radar IDHM, produzido pelo Ipea, Fundação João Pinheiro e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud)

\*O Índice de Desenvolvimento Humano, que quanto mais perto de um maior o bem-estar da população, considera renda (rendimento per capita), longevidade (esperança de vida ao nascer) e educação (escolaridade e frequência escolar)

Editoria de Arte

que diz respeito às políticas sociais. Preocupa ver estados importantes em crise, com dificuldade de pagamento de servidor, de fazer investimentos. De fato, a luz amarela está acesa. A gente precisa estar atento para o que está acontecendo com as políticas sociais no Brasil em todos os níveis.

Segundo o economista Mar-

celo Neri, diretor da FGV Social, a crise já provocou aumento mais lento na expectativa de vida. A cada três anos, o brasileiro vivia mais um ano, em média. Agora, a esperança de vida cresce um ano a cada seis:

— Não só o fator econômico, pelo IDH de renda, está piorando. Os indicadores sociais começam a sofrer as conse-

quências de um avanço social sem muita sustentabilidade econômica. Com a piora da economia, o ganho social começa a ficar comprometido.

As desigualdades regionais persistem. A expectativa de vida aumentou em todos os estados, mas a diferença entre Distrito Federal, onde, em média, as pessoas vivem até 78,37

anos, e Maranhão (70,85 anos) é de 7,52 anos.

O relatório, produzido também pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e pela Fundação João Pinheiro, mostra que a parcela da população vulnerável à pobreza subiu de 24,5% para 25%, o que significa que, em um ano, mais 1,42 milhão de brasileiros passaram a ser pobres, num contingente de 51,9 milhões de vulneráveis à pobreza.

### MESMO IDHM POR GÊNERO

Amparada na expectativa de vida e escolaridade maiores e aumento de renda, a mulher conseguiu se equiparar ao homem em bem-estar social. O IDHM delas subiu de 0,769 para 0,772, e ficou praticamente igual ao do homem, de 0,773.

A distância entre negros e brancos também ficou menor. Em 2000, o índice dos negros era 27% menor que o dos brancos. A diferença caiu para 10%. Mas os negros ainda vivem três anos a menos.